

Economia

de Comunhão

uma nova cultura



Doação
Gratuidade
Amor
Comunhão



13

ECONOMIA DE COMUNHÃO
 uma nova cultura
 Ano VII – nº 1 – Junho 2001
 Suplemento da Revista Cidade Nova

Diretor responsável: Alberto Ferrucci

Endereço para correspondência:
 R. Igino Giordani, 176
 06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
 Fone (+11) 4158.1017
 czginetta@node1.com.br

Impressão:
 Paulus Gráfica

3	Cartas do mundo	Carla Bozzani
4	Nova Economia: criatividade e colaboração	Alberto Ferrucci
5	Confiança em um Pai	Chiara Lubich
6	A EdC em quatro palavras	L. Bruni e B. Gui
7	Palavras vivas da história	J.M. Keynes
9	Movimento da EdC - congressos de estudo	Luigino Bruni
10	O desenvolvimento da EdC na M. Ginetta	Márcia Baraúna
12	Os pobres, "atores" do projeto EdC	Caterina Mulatero
13	As novidades do Consórcio Tassano	Maurizio Cantamessa
14	A "Rede para o trabalho"	Pierangelo Tassano
15	Mundell&Associated	John Mundell
16	As empresas "coração da globalização"	G. Parolin e R.V. Puangco
17	A Solidar Capital em ação	Heinz Willi Schorn
18	Oito novas monografias	Antonella Ferrucci
20	Um novo agir econômico para o Leste Europeu	Ivan Bregant
22	Movimento Econômico: eventos	Alberto Ferrucci
23	New Humanity na ONU	Joseph Klock
24	Colaboração entre os povos, mas qual?	Marco Aquini
26	Diálogo com os leitores	Alberto Ferrucci



Experiências, testemunhos do Evangelho de algumas das 10.800 pessoas que participam do projeto da EdC recebendo ajuda econômica. No momento, a participação dessas pessoas consiste em viver a cultura da partilha, colocando em comum as próprias dificuldades econômicas com a mesma dignidade de quem pode dar. Elas são ajudadas com os lucros das empresas, somados à ajuda extraordinária para os "10.000", contribuição de todos os membros dos Focolares no mundo, uma vez que as empresas da EdC ainda não conseguem suprir o total das necessidades.

Um coração grande para amar os outros

Sou de uma pequena cidade da Nigéria. Em 1993 havia concluído os dois primeiros anos da faculdade, mas precisei interromper os estudos. Apesar de trabalhar e economizar, ganhava tão pouco que perdi a esperança de poder continuar. Naquele período, recebi a ajuda aos 7.000 que me deu a chance de prosseguir. Em 1997 me formei e comecei a procurar trabalho, mas só o consegui depois de três anos.

Chegou a hora, então, de ajudar alguém que nem conheço, mas que realmente precise da minha pequena contribuição, assim como eu precisei, seis anos atrás. Peço a Deus que me dê um coração grande, como o dele, para ver as necessidades dos outros.

(Nigéria)

A coragem de comunicar as dificuldades

Nos encontrávamos em situação muito difícil: justamente no período de maior trabalho, o trator que usávamos junto com outras três famílias, quebrou. Antes já era difícil sobreviver; depois disso, então, piorou. Colocamos à venda um pedaço da nossa terra, mas dada a situação geral, ninguém pôde comprá-la. Tivemos a coragem de comunicar a nossa dificuldade e logo chegou a ajuda aos 7.000. Agora queremos oferecer os frutos da nossa terra a quem passa por dificuldades.

(Croácia)

O dinheiro para as radiografias

Meu marido trabalhava dirigindo triciclos e, para ajudar a família, muitas vezes ficava até meia-noite. Chegamos a vender as nossas poucas jóias para comprar remédios e sobreviver. Seis meses mais tarde precisei fazer algumas radiografias, mas não sabia de onde tirar o dinheiro. Passados alguns dias, recebi um envelope com uma quantia: foi um sinal de que Deus me ama imensamente, e me deu forças para superar a minha fraqueza.

(Tagaitai, Filipinas)

Podemos ajudar os outros

Sou casada e tenho dois filhos. Nesse ano vou conseguir construir uma pequena cozinha atrás da nossa casa com o dinheiro que recebemos e que aprendi a administrar. Agora meu marido conseguiu um emprego e temos o suficiente para a nossa família. Podemos, então, passar a ajuda que recebíamos para alguém que precisa mais.

(Tagaitai, Filipinas)

Que os lucros se multipliquem

Peço a Deus que se multipliquem os lucros das empresas, de modo que eles possam chegar a muitas pessoas. Que os países mais ricos tenham a boa vontade de partilhar os próprios bens com os pobres.

(Uruguai)

A delicadeza da família mundial

Há mais de um ano, com grande delicadeza, estou recebendo uma ajuda financeira que, para alguém, poderia parecer pequena, mas para mim é enorme. Ela não apenas cobre despesas indispensáveis, mas principalmente me leva a experimentar a delicadeza desta família mundial que nos une.

(Uruguai)

A doença do filho mais velho

O nosso filho mais velho ficou doente e precisou fazer um longo tratamento, mas não tínhamos condições para isso. A ajuda que recebemos nos deu a possibilidade de tratá-lo com um especialista. Foram feitos ainda alguns exames caros, mediante os quais foi descartada a hipótese de ser um câncer e foi iniciado um tratamento que já está dando ótimos resultados.

(México)

A alegria de poder doar algo

Assim que concluí o período de recuperação da droga, consegui um emprego, me casei e tivemos duas meninas gêmeas, mas recebia salário mínimo. Com a "ajuda extraordinária", comecei um pequeno negócio e trabalho junto com minha esposa. As dificuldades econômicas não acabaram, mas temos a alegria de poder, nós também, contribuir com uma pequena quantia para os 7.000.

(Brasil)

Dinheiro para os médicos e para a escola

Quando eu tinha oito anos, meu pai morreu. Eu e meus irmãos fomos morar com nossos avós, pois minha mãe nos deixou para viver com um outro homem. Porém, quando meus avós morreram, nós deveríamos deixar aquela casa e ir para outra, alugada. Além disso, no ano passado fiquei doente e não tinha dinheiro para pagar os médicos. Com a ajuda recebida pude comprar remédios e, o mais importante, continuar os estudos.

(Croácia)

Ajuda para o filho mais novo

Muito obrigada pela ajuda que chegou para Emídio, meu filho mais novo. Agora ele já pode frequentar a escolinha de Fontem e lá ele está aprendendo a rezar. À noite, em casa, quando nos reunimos para rezar, é ele quem nos conduz.

(Fontem, República dos Camarões)

Posso deixar esta quantia para outros

Quero agradecer pela grande ajuda espiritual e material que recebi: pude reformar o teto de casa e comprar remédios para o tratamento de minha filha. Agora a nossa situação econômica melhorou, portanto posso deixar esta soma para os outros.

(Uruguai)

Carla Bozzani

e-mail: edc@focolare.org



Imaginem um grupo de famílias que têm filhos pequenos e não têm condições de pagar uma babá. Para que os pais possam sair de vez em quando, cada uma dessas famílias deve encontrar uma outra família que cuide de seus filhos. Para organizar esta troca de favores, inventaram um sistema de vales. Cada família deve dar um vale àquela que cuidar de seus filhos e, para receber vales que poderá usar futuramente, deverá, por sua vez, cuidar dos filhos de uma outra família.

Se os vales em circulação forem poucos, por temor de que faltem numa ocasião importante, as famílias vão começar a sair menos. Desse modo, as famílias não recebem mais novos vales e, no final, ninguém sairá de casa, a não ser por motivos graves. A vida da comunidade entra em depressão.

Se, pelo contrário, as famílias tivessem à disposição um grande número de vales, todas desejariam sair com frequência e, para conseguirem, terminariam por oferecer dois vales por noite, em vez de um. Com este exemplo o economista Krugman explica tanto a recessão quanto a inflação, duas “doenças” entre as quais o sistema

econômico sempre oscilou.

Nas economias reais, os vales são a moeda, a “liquidez”, que as autoridades monetárias podem tornar mais escassa ou abundante. A baixa liquidez provoca a recessão; uma liquidez elevada impulsiona o desenvolvimento, mas também a inflação.

Duas grandes estratégias se confrontaram neste último século. Para combater a depressão, a estratégia “keynesiana” prevê que uma nova “liquidez” seja incluída no sistema, financiando grandes obras públicas ou oferecendo seguro desemprego e subsídios aos desempregados.

Diante da recessão, a estratégia “monetarista”, diferentemente, prevê a diminuição dos juros, encorajando, assim, o setor privado a investir e a consumir contraindo dívidas com o sistema bancário.

As duas estratégias apresentam pontos positivos e negativos. A primeira dá um impulso imediato à geração de emprego e à atividade econômica, mas arrisca comprometer a iniciativa privada e deixar em herança entidades ineficientes e grandes déficits nas contas públicas.

O liberalismo, ao invés, que geralmente acompanha a segunda estratégia, reduz a proteção dos trabalhadores e os leva a aceitarem os trabalhos disponíveis ou a criarem a própria atividade econômica. Mas nem todas as pessoas podem ou sabem iniciar um negócio; desse modo aumenta a distância entre pobres e ricos, tanto entre as pessoas, quanto entre os países. Uma consequência do monetarismo foram as altas taxas de juros, impostas para combater a inflação dos países do hemisfério Norte e que levaram a dívida de dois terços dos países, em via de desenvolvimento, a um tal nível, que se tornou praticamente impagável. Além disso, esses países se viram obrigados a dispor dos recursos destinados à saúde e à formação das futuras gerações para o pagamento da dívida.

Com a queda dos muros do Leste e a ampliação da globalização, verificou-se nos Estados Unidos, durante os anos 90, um crescimento econômico isento de inflação. Foi um fenômeno imprevisível pelos economistas, chamado de Nova Economia; fenômeno que não está garantido que possa repetir-se nos países que hoje enfrentam graves dificuldades financeiras.

Uma novidade da Nova Economia é que ela se fundamenta na produção de bens não materiais, ligados ao conhecimento. Atualmente, a capacidade criativa aliada à capacidade de colaboração, características da pessoa humana, são mais valiosas do que o trabalho dos robôs e dos computadores. Tornou-se sempre mais preciosa a “equipe”, o grupo de trabalho no qual os especialistas de setores diferentes partilham as suas intuições e criam aquele “software” complexo, que já atua em todos os campos, nos chips das lavadoras, dos celulares, nos videogames dos adolescentes.

Uma outra novidade é que, enquanto no passado eram os trabalhadores que pediam para adquirir ações das empresas em que trabalhavam, hoje são os proprietários que colocam as ações de suas empresas na bolsa, para que os funcionários possam se tornar acionistas. Assim, a “preciosa equipe” fica ligada à empresa pela valorização dessas ações e não tanto pelos altos salários.

Além disso, enquanto antes eram os novos empreendedores que buscavam financiamentos, hoje os bancos e as corretoras de investimento oferecem consultoria empresarial e financiamentos aos jovens com idéias inovadoras, para transformá-las em produtos de sucesso.

Em novembro, durante o congresso do Bureau Internacional de Economia e Trabalho, de Humanidade Nova, refletimos sobre tais acontecimentos, procurando ler a novidade da Nova Economia à luz da Economia de Comunhão.

Também na EdC se valoriza a pessoa e a unidade da equipe e se colocam à disposição dos jovens capitais e talentos (p. 17), há ainda experiências de empresas de capital pulverizado (p. 10). A EdC, portanto, acompanha esses grandes eventos da história econômica.

Na EdC, porém, não se valoriza apenas a unidade da equipe de

especialistas, mas também a unidade entre trabalhadores, a unidade com os fornecedores, com os clientes, com os pobres e com a humanidade inteira, que precisa de uma nova cultura de comunhão.

A globalização poderia interromper o seu curso, e muitas das expectativas suscitadas pela Nova Economia poderiam revelar-se ilusórias. Não só, se o valor das ações das empresas de alta tecnologia desmoronasse, a “cola” que mantém unidas aquelas equipes se tornaria ineficaz.

A unidade da EdC, construída para atrair o divino à atividade dos homens dentro e fora da empresa, não se fundamenta nos valores das ações e não é feita para aumentar a produtividade: tem uma amplitude que envolve o homem inteiro e chega aos confins da terra. De um modo ou de outro, o demonstram todas as experiências e reflexões publicadas a respeito.

Alberto Ferrucci

e-mail: alberto.ferrucci@prometh.it

telefax: 010/581451



A confiança em um Pai

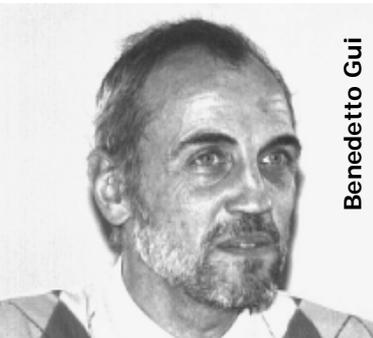
Um elemento essencial para o sucesso da Economia de Comunhão é a confiança num Pai que está no Céu e que responde aos nossos esforços. Se nós, quando atuamos a Economia de Comunhão, procuramos o Seu Reino – porque nos relacionamos com os funcionários, com os clientes, com os concorrentes, de Jesus para Jesus – o Eterno Pai, depois, cuida de nós. Isto pode verificar-se pelo fato de que, no mundo da Economia de Comunhão, vemos acontecer milagres da graça. Vemos empresas com poucos funcionários admitirem muitos outros; vemos aportar fundos, as quantias necessárias para prosseguir. Existe um Outro, portanto existe um outro caixa que não é aquele do nosso escritório, é um caixa celeste que se abre na hora certa.

Palermo, 18 de janeiro de 2000

Chiara Lubich

Publicamos uma versão reduzida e adaptada da introdução que Luigino Bruni e Benedetto Gui fizeram no workshop sobre Economia de Comunhão, em Loppiano, em 10 de junho de 2000.

A Economia de Comunhão em “quatro palavras”



Benedetto Gui



Luigino Bruni

Luigino Bruni

e-mail: bruni.l@flashnet.it

A proposta dirige-se à economia “normal”...

Antes de tudo, é necessário esclarecer um aspecto. A proposta de conferir à economia o caráter da comunhão não se traduz no convite a criar ou renovar formas de organização econômica explicitamente comunitárias, como esquemas de reciprocidade atuados no âmbito de uma aldeia ou de um bairro, comunidades que não usam a moeda em suas trocas e assim por diante. Em outras palavras, a proposta dirige-se à economia como é concebida atualmente: com determinadas instituições (o contrato social, as ações com ou sem direito ao voto...), com certos critérios para a aferição dos resultados (lucros, taxas de retorno...), com conceitos (capital, investimento...), com certas lógicas de comportamento (a busca da economicidade, a concorrência entre vendedores...), com as obrigações jurídicas e fiscais.

A este ponto surge uma dúvida: a Economia de Comunhão considera “normal” ou dá por descontado o tipo de organização predominante na economia “ocidental”?

Com certeza a Economia de Comunhão é totalmente compatível com este tipo de organização, mais ainda, nasceu exatamente para inserir-se nele.

...mas é aberta para inserir-se nas mais variadas formas de organização

Todavia, não existe na EdC exclusão ideológica alguma para com formas de organização diferentes das empresas tradicionais: empresas sem fins lucrativos, por exemplo, fundações que cuidam da assistência aos idosos; empresas que possuem sistema de participação dos trabalhadores, como no modelo alemão da gestão conjunta; cooperativas com finalidades sociais, como o Consorcio “Roberto Tassano” de Sestri Levante e “Il Picchio”, de Ascoli Piceno, na Itália; organizações que respondem às necessidades das famílias sem passar pelo mercado, como “bancos do tempo”, Local Exchange Trade Systems ou os grupos “Solidarizamos”, de Bogotá; instituições financeiras com o objetivo de combater a pobreza, como a Fundação para o micro-crédito, sustentada pelo Banco Kabayan, nas Filipinas e o Clube dos 500, de Bogotá.

Nem todas essas formas diferenciadas de organização da atividade econômica estão representadas no projeto da Economia de Comunhão, ou talvez existam ainda poucos exemplos. É previsível, porém, que o número e a variedade dessas organizações vá aumentando, graças à iniciativa e à fantasia de novos empresários.

... e permanece uma proposta radical

O fato de a Economia de Comunhão não entrar em conflito com o sistema econômico vigente, pode levá-la a ser considerada pouco revolucionária (até mesmo a distribuição dos lucros talvez não seja tanto revolucionária). O que queremos demonstrar com esta exposição é que o radicalismo da proposta – porque é radical – pode ser melhor entendido, se for apreciado por um ângulo diferente, ou seja, pelo aspecto antropológico e cultural.

Doação, gratuidade, amor, comunhão

Para fazer isso, pensamos em nos concentrar em quatro palavras-chave – dom, gratuidade, amor e comunhão, intrínsecos à expressão Economia de Comunhão – e olhá-las da perspectiva da ciência econômica.

Nas últimas décadas, a hipótese do egoísmo racional dos agentes econômicos, que por muito tempo representou a regra da ciência econômica, vem sendo cada vez mais questionada, não apenas por críticos que estão à margem da disciplina, mas também por autores de grande fama (além de Amartya Sen, por exemplo, temos Gary Becker, da Universidade de Chicago, que também é Prêmio Nobel).

Na literatura econômica, portanto, estão ocupando um espaço cada vez maior expressões e conceitos que antes eram usados apenas em escritos de psicologia ou de sociologia, como altruísmo, dom, reciprocidade, *commitment* (empenho moral ou ideal) e até mesmo, embora raramente, amor. Num outro plano, (que alguém define de “meso-econômico”, para indicar a posição intermediária entre os planos micro e macro econômicos) encontram-se expressões como capital social ou comunidade. Num plano ainda mais amplo, começa-se a falar de economia civil, em referência ao tecido de relacionamentos econômicos correspondentes não somente à lógica contratual, mas também à lógica da reciprocidade e da solidariedade.

Mas como esses conceitos se relacionam entre si?

Exprimem visões diferentes ou são essencialmente sinônimos? Para responder a esta pergunta, propomos percorrer um caminho entre alguns desses conceitos, buscando discernir a visão da economia e da sociedade que está por trás da Economia de Comunhão.

Doação

A primeira palavra a ser analisada é doação. Fenômenos como o voluntariado e a beneficência sempre constituíram um desafio para a ciência econômica. Na tentativa de compreendê-los, ela recorreu principalmente à noção de “altruismo”, cuja introdução na usual descrição das escolhas individuais é relativamente fácil, porque não requer que seja contestada na sua definição. De fato, o altruísta pode ser visto como um sujeito cuja utilidade depende, não só dos bens que ele próprio consome, mas do consumo de uma outra pessoa. Desse modo, a doação cabe perfeitamente na subdivisão da renda preferida do sujeito, entre os seus objetivos, ao lado da compra de alimento e de vestiário para si mesmo.

Naturalmente o altruísmo é apenas o primeiro passo rumo a uma plena compreensão do fenômeno da doação. Autores como Sugden demonstraram que o altruísmo se limita quando os doadores em potencial são muitos: é como se tivessem que contribuir voluntariamente para um bem que interessa a muitas pessoas e, neste caso, cada um tende a deixar que os outros paguem, a não ser que entrem em jogo outras motivações. Nesse caso, não podem ser expressas na tradicional teoria da escolha, que é inerentemente individualista (também o altruísta, como foi acima definido, maximiza a própria utilidade individual) e amoral (o sujeito não segue normas ou valores, mas as próprias preferências). Entre estas, há a busca de reconhecimento social, o desejo de sentir a satisfação interior de cumprir um ato coerente com o próprio ideal.

Em segundo lugar, um altruísmo deste tipo, conserva ainda uma notável ambigüidade: será que a minha utilidade depende do consumo do pobre, por que me incomoda vê-lo mal vestido e mendicante ou por que o seu bem-estar realmente me interessa?

Existem ainda outras questões. Como já foi dito por Vera Araújo em um número anterior deste noticiário, a doação nem sempre é um ato desinteressado, mas pode ser feito com o objetivo de subjuar ou condicionar o destinatário (é o caso da doação mafiosa). Uma importante característica da assim chamada “cultura da partilha” que o projeto Economia de Comunhão propõe-se a difundir, é que a disponibilidade à doação, à qual o participante é convidado, caracteriza-se pela gratuidade.

Gratuidade

Chegamos à segunda palavra-chave. A idéia de gratuidade é estranha à visão tradicional da ciência econômica que nunca aceitou o “escândalo” de perder algo em favor de outros ou do bem comum. Enquanto em outras facetas da sociedade a disponibilidade dos indivíduos ao sacrifício pelo bem de todos (na guerra inclusive o sacrifício da vida) era considerada necessária e portanto aceitável, a economia – mediante a metáfora mais potente na história econômica, a “mão invisível” – procura definir o bem coletivo como produto não intencional de ações individuais, pois cada uma é finalizada a obter o melhor para si.

No projeto Economia de Comunhão, a livre adesão dos empresários ao convite de dar parte dos lucros é, com certeza, uma manifestação de gratuidade, mas a encontramos em outras ações não explicitamente solicitadas pela participação no projeto. Um exemplo típico deste comportamento está publicado no último número deste periódico: os titulares do Instituto Colombiano de Logoterapia decidiram conceder um empréstimo sem juros e com alto risco de ser honrado, mesmo sem expectativa de alguma reciprocidade futura.

Mas a gratuidade não se manifesta apenas na doação. Um exemplo disso foi dado pelo diretor de uma empresa de confecções que, precisando contratar o trabalho de uma oficina de um país economicamente subdesenvolvido, encontrou um espaço para a gratuidade, não tanto pelo preço acordado (porque o mercado exigia que fosse baixo), mas dedicando tempo e energia para ensinar métodos e técnicas produtivas além do necessário para a boa execução do trabalho. Agora aquele fornecedor tem condições de prestar serviços de melhor qualidade por um preço mais compensador.

Talvez esta seja a dimensão da gratuidade menos considerada pela ciência econômica. Em relação a este conceito, a posição de Philip Wicksteed, um economista inglês dos primeiros anos do século XX, é muito interessante. A sua sensibilidade de pastor o levou a frisar que um operador econômico empenhado em uma negociação pode ser orientado, não pelos

A força das idéias

A concretização dessas idéias é uma esperança visionária? Diante das dinâmicas que governam a evolução da sociedade política, será que essas idéias são portadoras de raízes insuficientes? Os interesses que elas frustrarão, são mais fortes e mais óbvios do que aqueles que elas promoverão?

Se as idéias estão corretas – hipótese sobre a qual um autor deve necessariamente basear-se quando escreve – considero que seria errado verificar a eficácia das mesmas fundamentando-nos somente no tempo presente.

De fato... as idéias dos economistas e dos filósofos políticos, tanto as corretas quanto as erradas, são mais potentes do que geralmente se considera. Na verdade, o mundo é governado por poucas coisas além dessas idéias.

Os homens práticos, que acreditam estar totalmente isentos de qualquer influência intelectual, são normalmente escravos de algum falecido economista ...

Estou convencido de que, de modo imediato, o poder dos interesses escusos é exagerado em relação ao progressivo desenvolvimento das idéias, uma vez que, no campo da filosofia econômica e política, as novas teorias são aceitas pelas pessoas depois de um certo lapso de tempo, não antes dos 25 ou 30 anos de idade. Desse modo, é provável que as idéias utilizadas por governantes, homens políticos e até por agitadores, não sejam as mais recentes.

Mais cedo ou mais tarde, seja para o bem, seja para o mal, conclui-se que não são os baixos interesses que são perigosos, e sim as idéias!

J. M. Keynes
The General Theory of Employment,
Interest and Money,
Macmillan, London, 1936

seus próprios interesses, mas pelos interesses de terceiros (por exemplo, em favor das crianças de um orfanato que ele administra gratuitamente). Mas se houvesse benevolência em favor da outra parte, Wicksteed sente-se obrigado a admitir que se abandona a esfera da ciência econômica. Desse modo, porém, sanciona-se a separação entre filantropia e a lógica dos negócios e aceita-se que nesta não existe espaço para a atenção ao “tu” com quem se deve tratar.

Amor

É com o amor que a gratuidade do verdadeiro altruísta passa plenamente da subjetividade do doador e se abre explicitamente ao destinatário. O desprendimento de si mesmo não basta ainda para garantir que uma ação seja, no seu conteúdo e na sua modalidade, apropriada às exigências do outro e, portanto, não garante que seja realmente benéfica e apreciada. De fato, o amor – que é ao mesmo tempo motivação e modalidade de execução de uma ação – é gratuidade finalizada explicitamente ao bem do outro. Trata-se de um importante complemento à noção de altruísmo e de dom que, de outro modo, permanecem essencialmente incapazes de estabelecer verdadeiramente um relacionamento com quem recebe.

Comunhão

Tendo a capacidade de entrar em sintonia com o outro, de suscitar no outro a reciprocidade, de maneira não instrumentalizada, o amor é pré-requisito da comunhão, a quarta palavra. A resposta do outro não deve ser vista simplesmente como um retorno, porque também uma resposta positiva em relação a terceiros é plenamente adequada à expectativa desinteressada do primeiro sujeito. Todavia, é importante que exista uma resposta, inclusive porque ela fundamenta um dos benefícios da reciprocidade: que ninguém fique na posição de mero receptor – que seria uma posição de inferioridade – mas que se torne sujeito ativo do relacionamento.

A natureza da comunhão pode ser entendida somente por uma idéia de racionalidade que alguns autores chamam de “expressiva” ou “não-instrumental”. Mais ainda, pode-se dizer que sem aceitar uma lógica aparentemente contraditória, que saiba manter unidos e ao mesmo tempo distintos e independentes o dar e o receber, o perder e o recuperar, não é possível compreender plenamente a comunhão.

Imaginemos a integração, numa empresa, de uma pessoa marginalizada. Esta iniciativa só terá sucesso quando este sujeito tiver alcançado a capacidade de também dar algo aos outros. Mas geralmente o que provoca esta resposta é justamente aquele tipo de amor que sabe entrar em sintonia, compreendendo e fazendo-se compreender, que sabe dar com abundância e ao mesmo tempo sabe esperar um retorno, mas sem pressa e sem expectativas.

O encontro entre economia e comunhão

Do quanto foi dito até agora, é claro que a Economia de Comunhão é tal, de fato, somente se possui todas as características “culturais” acima relacionadas. É Economia de Comunhão se não for apenas doação dos lucros

(mesmo que generosa); se não for apenas gratuidade, mas um completo estilo de gestão caracterizado pelo amor que suscita a comunhão.

Trata-se de um difícil percurso ao longo de um estreito desfiladeiro. Se cairmos de um lado, voltamos à “normalidade” da lógica econômica assim como a conhecemos, composta de relações humanas incompletas; se cairmos do outro lado, acreditamos poder prescindir totalmente da lógica econômica e desembocamos no irrealismo e no fracasso.

Mas há nove anos este difícil percurso, este desafio, tem sido enfrentado por mais de 700 empresas, com muitas vitórias, que nos atestam com os fatos que o encontro entre a economia e a comunhão não é apenas concebível, mas possível.



Realizou-se nos dias 10 e 11 de junho de 2000, em Loppiano (Florença – Itália), um *workshop* com a presença de 20 estudiosos de disciplinas econômicas e 25 formandos, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre a Economia de Comunhão vista do ângulo de toda a teoria econômica.

Muitos dos participantes estiveram presentes no seminário de Piacenza, em janeiro de 1999, e a grande maioria, inclusive o Prof. Stefano Zamagni, já se sente comprometida com a EdC. De fato, foi comum escutar expressões como “nós da EdC”, “a nossa experiência”, que ressaltam a participação num projeto de estudo e de vida.

Desejou-se iniciar o congresso conhecendo a realidade econômica de Loppiano, graças a uma eficaz apresentação da Mariápolis e à visita às empresas “Gigli del campo”, “Fantasy”, “Centro Ave”, “Azur”, à “Botega di Ciro” e à “Cooperativa Loppiano Prima”.

Esta imersão na vida dos cidadãos de Loppiano contribuiu para que os subseqüentes momentos de reflexão se tornassem um fecundo encontro entre a vida e a teoria. A introdução de Luigino Bruni e Benedetto Gui focalizou quatro palavras-chave: doação, gratuidade, amor e comunhão (ver a síntese publicada nas páginas de 6 - 8).

Seguiu-se uma palestra do Prof^o Zamagni, que continha duas mensagens principais: a EdC tem atrás de si uma vida e idéias de base que a transformam em qualificado componente e propulsor da economia civil; e justamente por isso é necessário sustentá-la com uma consistente reflexão científica, sem a qual ela logo se reduziria a uma louvável iniciativa que não influi na lógica econômica prevalecente.

Na conclusão, Luigino Bruni fez votos de que a EdC se torne cada vez mais a “casa” na qual possam se reunir tantos os agentes quanto os estudiosos que desejam comprometer-se com uma economia sob medida, tendo em vista a pessoa.

Sentiu-se a falta do Prof^o Luigi Giusso, da Universidade de Catânia, falecido alguns dias antes e havia participado do congresso de Piacenza. Em sua memória foi decidido publicar uma coletânea para a qual muitos dos participantes deste *workshop* assumiram o compromisso de escrever um ensaio sobre o tema: “Ética, economia e comunhão”.

Em 17 e 18 de junho, realizou-se na Universidade Católica de Piacenza, um *workshop* sobre gestão de empresas aderentes ao projeto, intitulado “O empresário da EdC: um protagonista do desenvolvimento”. Participaram 140 pessoas provenientes das Três Venezas, da Lombardia, da Emilia Romagna, do Piemonte e de Marche. A maioria era empresários e diretores, representando 60 empresas, muitas das quais ligadas à EdC. Foram tratados temas específicos da EdC e ainda outros, de interesse geral, sobre gestão empresarial, no aspecto administrativo, organizacional e de recursos humanos. Tratou-se também do tema “Balanço social da empresa”, tomando por base a tese de Giuliana Corbella e palestras de Gianpietro Parolin, Ria Paungco e Mario Spreafico.

À conclusão do dia, decidiu-se que cada empresa da EdC providenciaria um endereço eletrônico para poderem receber subsídios para a gestão empresarial e para se apresentarem e estabelecerem um diálogo com outras empresas do projeto.

Este meio de “encontro” será organizado graças à contribuição dos operadores do Observatório da EdC da Universidade Bocconi (e-mail: Osservatorio-EdC:info@aedc.it). Eles atuarão como intermediários: além de poderem administrar preferencialmente este Observatório, poderão difundir notícias e experiências, contribuindo com a formação de uma espécie de distrito industrial virtual, para fomentar o seu crescimento dimensional e cultural.

Reuniões semelhantes de estudiosos e empresários, conjugados a numerosas ocasiões de diálogo com a sociedade civil sobre assuntos suscitados pela experiência da EdC, estão alimentando o movimento da Economia de Comunhão, difundindo suas idéias e cultura, e abrindo novas pistas de vida e de reflexão.

Delineiam-se, desse modo, as primeiras linhas culturais e teóricas da nossa proposta de economia, da empresa ao consumo, à poupança, ao perfil de instituições. Algumas dessas linhas já foram expressas, embora de maneira embrionária, no documento “Por uma ação econômica de comunhão” (Noticiário EdC nº11 – N.d.R).

Tal visão de conjunto de vida e de teoria econômica, que extrai as suas idéias e inspirações da EdC, pode ser a nossa contribuição para a economia globalizada de hoje.

Existe o desejo de que as idéias, as experiências e os questionamentos se tornem patrimônio comum mediante a tomada de consciência dos empresários e dos trabalhadores da EdC, bem como de todas as pessoas que queiram se manter informadas e dialogar sobre tudo o que está surgindo sobre a matéria. E isso levou-nos a propor um encontro de estudos para aprofundamento.

Luigino Bruni

e-mail: bruni.l@flashnet.it

O desenvolvimento da EdC na Mariápolis Ginetta

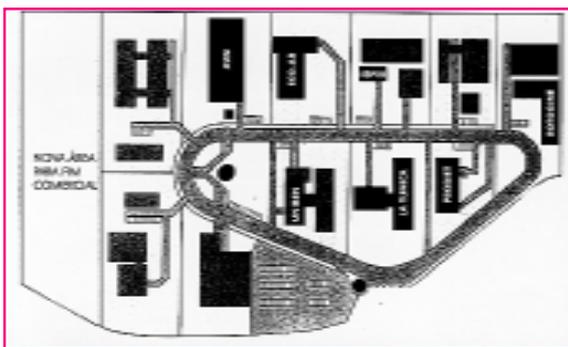


trabalho, e com a participação acionária muito ampla. O Seminário realizou-se na Mariápolis Ginetta e sede da ESPRI, sociedade anônima, proprietária do Pólo Spartaco, que resulta ser a Sociedade Anônima de capital fechado que tem o maior número de acionistas (mais de 3.000) e, portanto, é vista como modelo de empresa de participação. O Pólo Spartaco, implantado sete anos atrás, após a construção do sexto galpão e de alguns trabalhos de infraestrutura (combate à erosão, revisão do sistema de telefonia, conclusão da rede hidráulica para instalação do segundo poço, etc.), vê oportuno concentrar esforços na busca da consolidação das empresas instaladas, quer seja na ampliação de seu espaço físico, adequação das instalações existentes ou introdução de novos equipamentos, tudo visando o aprimoramento do processo produtivo, aumento da competitividade e rentabilidade.

Importante passo foi dado com a admissão de um gerente para o Pólo. A escolha recaiu sobre uma voluntária, graduada em engenharia elétrica, que está dando uma contribuição importante na profissionalização da sua gestão. Sob a coordenação da nova gerente, estão sendo organizados, para todas as empresas do Pólo (sócios e funcionários), cursos de treinamento. Inicialmente será um de "Primeiros socorros" e outro de "Segurança no trabalho", com a formação de uma "brigada de combate a incêndio".

Encontra-se em fase de estudo a construção de um local comum para os vários serviços e refeitório, com salas para cursos de formação e para escritórios da ESPRI.

Para garantir o espaço e os serviços necessários ao desenvolvimento das empresas e com o objetivo de organizar atividades comuns, tendo em vista diminuir



Bureau Internacional da Economia e do Trabalho

Globalização e Mundo Unido

Grottaferrata, 4-6 de novembro de 2000

ESPRI

Em 15 de novembro de 2000 o SEBRAE realizou na Mariápolis Ginetta um seminário sobre Empresas de Participação, com o objetivo de criar novas atividades e postos de

custos, a ESPRI pediu às empresas instaladas no Pólo um plano estratégico para os próximos cinco anos.

Foi programado, ainda, um encontro nacional para os representantes da ESPRI, com um treinamento completo, de modo que eles conheçam de perto as realidades da ESPRI, o Pólo no seu todo e a sua engrenagem burocrática. Isso, sem dúvida, agilizará os serviços e, particularmente no que se refere ao grupo dos 400 acionistas que continuam subscrevendo ações mensalmente, gerando a

entrada de aproximadamente R\$ 17.000,00 por mês. Os conselheiros da ESPRI sentem a necessidade de dedicar uma atenção especial aos jovens que, no momento em que precisam escolher uma profissão, devem conhecer as oportunidades oferecidas pela EdC. Eles têm a consciência de que a herança que podem deixar às novas gerações é o testemunho da unidade, da seriedade, da ética e da legalidade.

Atualmente, as empresas do Pólo Spartaco mantêm 133 postos de trabalho direto e indireto.

LA TUNICA, CONFECÇÕES INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Este ano, enfrentou-se o mercado globalizado, sobretudo no setor de confecções. A empresa, que tinha passado momentos difíceis, reencontrou o equilíbrio econômico e pôde destinar um pequeno lucro segundo objetivos da EdC. Logo depois, recebeu um pedido inesperado.

A comercialização de uniformes escolares e de camisetas da linha Pepê e Jotabê foram satisfatórias e se prevê uma melhora em 2001.

Ao conhecer a experiência da La Tunica, o SEBRAE quis divulgá-la pela televisão em âmbito nacional, num programa para pequenas empresas, como exemplo de quem conseguiu superar a crise do setor de confecções.

K N E PLÁSTICOS, INDÚSTRIA E COMÉRCIO Ltda. (antiga Rotogine)

Apesar de manter a marca Rotogine, a empresa transformou-se na K.N.E Rotomoldagem Ltda., com a entrada da Kentnis (grupo Femaq) e da Estrela, duas empresas que aderem ao projeto EdC, ao lado do grupo Neveaux, com satisfação geral.

Nesta nova fase, a empresa se orienta, principalmente, à área sanitária, fabricando fossas sépticas de polietileno. Divulga o produto aos governos municipais e estaduais e em conjuntos residenciais, apresentando as vantagens no campo ecológico.

A produção passou de 3 para 10 toneladas ao mês, com o aumento do número de funcionários e com a possibilidade de destinar os lucros segundo os objetivos da EdC. O galpão onde funciona a indústria está em fase de ampliação.

Márcia Baraúna

e-mail: mbarauna@cidadanet.org.br



ECO-AR INDÚSTRIA E COMÉRCIO Ltda.

A empresa cresceu muito neste último ano, tanto em relação à produção, quanto ao número de clientes. Atualmente conta com uma produção de aproximadamente um milhão de litros ao mês. Utilizando-se do autofinanciamento, também incrementou o maquinário com um investimento de 130.000 dólares, inclusive informatizando a administração e organizando vários setores.

A Eco-ar já é considerada do mesmo nível de seus concorrentes que se encontram há 20 anos no mercado, e a Associação Paulista de Supermercados apresenta a empresa como modelo de relacionamento com os supermercados. Neste ano de 2001, a Eco-ar está trabalhando para a certificação ISO 9000 e ISO 14000 e habilitando um estudo sobre como produzir os componentes químicos que utiliza na linha de produção.

PRODIET FARMACÊUTICA Ltda.

Oriunda do Paraná, onde o mercado é um quinto daquele de São Paulo, o primeiro ano de atividade exigiu um intenso trabalho para a formação técnica do pessoal, para estabelecer relacionamentos com fornecedores, para ambientar-se no setor farmacêutico, que é muito delicado e tem concorrentes difíceis.

O balanço anual da filial situada no Pólo Spartaco, atingiu um equilíbrio econômico e tem boas perspectivas para 2001.

UNIBEN FOMENTO MERCANTIL Ltda.

Foi necessário muito tempo para conseguir todas as licenças necessárias para que a Uniben começasse a funcionar. A atividade de *factoring* decolou com resgates de títulos e com trabalhos em parceria com o Banco Itaú S/A.

A empresa oferece seguros de todo tipo, passagens aéreas, contratos de *leasing* e, mediante um consórcio, implantou um setor de atividades junto com a seguradora e financiadora Porto Seguro.

A V N EMBALAGENS PLÁSTICAS Ltda.

A A V N instalou-se no Pólo no início do ano passado, com instalações próprias, produzindo embalagens plásticas. Atualmente transferiu-se para um galpão próprio, conta com 18 funcionários e com uma produção de 400.000 recipientes por mês.

Neste ano espera alcançar uma produção de 1.000.000 de embalagens por mês, para sete clientes, entre os quais a Eco-ar, que absorve 60% da produção.

POLICLINICA ÁGAPE S/C Ltda.

Esta empresa, pelo tipo de atividade que exerce, situa-se na cidade de Vargem Grande Paulista, fora do Pólo, embora participe plenamente do projeto.

A equipe técnica se consolidou e todos os funcionários aprofundaram os objetivos da EdC.

Desse modo, os médicos que trabalham na policlinica em períodos parciais, tornaram-se divulgadores do projeto nos vários lugares onde trabalham, atraindo novos clientes.

Houve um intenso trabalho no ano passado, com a implantação dos setores de radiologia, de endocrinologia e endoscopia. Ampliou-se o laboratório de análises clínicas com o objetivo de obter a "marca de qualidade" conferida pela Sociedade Brasileira de Análises Clínicas.

Para atender à demanda, foi aumentado o horário de atendimento para ultra-sonografia, fisioterapia, ortopedia e pediatria, com a aquisição de aparelhos mais modernos. Ampliou-se a rede de informática com o desenvolvimento de programas específicos. O número de clientes tem aumentado em todos os setores.

Durante o ano passado, foi possível fazer um investimento de 25.000 dólares com capital próprio. Para fugir do alto preço de aluguel, é necessário, agora, conseguir uma sede própria.

AURORA S/C CENTRO EDUCACIONAL Ltda.

A Escola Aurora também está situada em Vargem Grande. No ano passado ampliou a sede, inaugurou a oitava série, equipou a sala de música, de informática e de artes plásticas, com maior espaço para as crianças. Construiu ainda uma quadra polivalente. Neste ano de 2001, deu início ao segundo grau. O número de alunos aumentou de 125 para 138.

Em 2000 a escola promoveu um simpósio sobre a Educação à Paz, com a participação de 200 pessoas. As palestras foram apresentadas pelo reitor da USP, Prof. Dr. Jacques Marcovitch, pelo Prof. Dr. Jair Militão, pelo Juiz de Cassação da Corte Italiana Gianni Caso e Aldo Civico, ambos italianos, e ainda por outros especialistas brasileiros.

COMUNIONE AUDITORIA E ASSESSORIA CONTÁBIL Ltda.

O crescimento do ano de 2000 foi verificado pelo aumento de profissionalismo, reconhecido pelos clientes que apresentaram outros novos clientes, cujo total passou de 34 para 45. Em 2000, foi possível destinar os lucros à EdC todos os meses.

Os pobres, "atores" do projeto EdC

O nosso mundo globalizado exige respostas novas para preencher a distância que separa os ricos dos pobres, seja pela complexidade da situação, seja por uma consciência mais madura da dignidade de cada pessoa humana.

A Economia de Comunhão nasce do desejo de ir ao encontro das necessidades dos pobres e, pensando, por exemplo, na expansão planetária do projeto, ela pode ser uma resposta à altura dos desafios colocados pelo mundo contemporâneo⁽¹⁾.

Este projeto deseja alcançar primeiramente os pobres que, tocados pelo carisma da unidade, vivem a espiritualidade da qual ele se originou. Os demais não estão excluídos, pelo contrário, o problema é considerado na sua complexidade e amplitude, mas na fase inicial do projeto, se faz o que é possível.

Atua-se desse modo, para gerar uma comunidade – inicialmente a "família" do Movimento dos Focolares, presente no mundo inteiro – de forma que não exista nenhum indigente.

Este sonho, graças também à Economia de Comunhão, já é uma realidade, pelo menos no núcleo da comunidade, com a perspectiva de alcançar horizontes sempre mais amplos.

Segundo o projeto Economia de Comunhão, os sócios das empresas, os empresários, os trabalhadores e os pobres são parte integrante de um conjunto, de uma mesma comunidade na qual todos são irmãos e, portanto, é óbvio que não haja distâncias entre quem dá e quem recebe.

Numa comunidade formada por irmãos que se amam reciprocamente, e que têm a Trindade como modelo de convivência, todos são doadores, todos são membros ativos e, embora com papéis e funções diferentes, todos são construtores de uma sociedade mais justa, na qual a cultura da partilha impregna cada aspecto da vida.

Em que sentido, então, falar dos pobres como "atores" do projeto EdC?

Eles, assim como os outros membros da comunidade, antes de tudo, se doam⁽²⁾.

Pode ser que, justamente porque estão livres das amarras que muitas vezes os bens materiais trazem consigo, eles compreendem e vivem com prontidão este aspecto da doação. No cerne do projeto da Economia de Comunhão, só a presença deles já é um dom, no sentido que mantém viva e visível a principal finalidade pela qual ela nasceu; é ânimo para superar momentos difíceis, é impulso para novas iniciativas, é um convite para manter a genuinidade do projeto.

É graças também a eles que, na esfera da EdC está se impondo um estilo de vida caracterizado pela sobriedade e pelo essencial, tanto nas estruturas, como nas pessoas que nelas trabalham.

Ademais, a presença dos pobres é um incentivo para orientar as escolhas produtivas e canalizar os recursos disponíveis.

Mas, no âmbito da EdC, além de "doarem-se", os pobres "doam". O que eles doam? Primeiramente as próprias necessidades que são colocadas em comum com "louvável

humildade, dignidade e sinceridade", como recentemente ressaltou Chiara Lubich.

Este gesto contribui assim para o crescimento da vida de comunhão, daquela vida que tem a sua fonte em Deus e que deve impregnar de si toda dimensão e cada aspecto concreto da existência humana.

Eles são doadores também sob outros pontos de vista. Após terem doado as suas necessidades, assim que suas situações econômicas melhoram e com uma prontidão que impressiona, comunicam que não precisam mais daquela ajuda, que, portanto, pode ser destinada a uma outra pessoa que tenha maiores dificuldades. Ou então, assim que recebem parte dos lucros, é comum partilharem com quem se encontra em situação pior ou os utilizarem para começar micro-atividades produtivas que, apesar de embrionárias, inserem no circuito produtivo essa ajuda recebida.

A doação dos pobres se exprime também na gratidão, que não é sentida como uma obrigação cega. Essa gratidão não vem da parte de quem se encontra numa condição de inferioridade, pois eles percebem, na ajuda recebida, uma resposta do amor pessoal do Pai Celeste, que chega exatamente para eles, mas por meio de outros filhos seus. No contexto em que é vivida esta experiência, receber é um ato repleto de dignidade, é um dom, é viver e proporcionar a experiência da reciprocidade do amor.

Há ainda um outro aspecto que gostaria de ressaltar. Alguns anos atrás, exortando a dar para "reviver o espírito e a práxis dos primeiros cristãos", Chiara Lubich escreveu: «Damos um sorriso, uma compreensão, um perdão, um momento de escuta; damos a nossa inteligência, a nossa vontade, a nossa disponibilidade; damos o nosso tempo, os nossos talentos, as nossas idéias (...), a nossa atividade, damos as nossas experiências, as capacidades...»⁽³⁾. Este convite encontrou um terreno particularmente fértil entre os pobres e esses dons não materiais. Por isso talentos, conselhos, experiências, idéias partilhadas por eles, mostraram-se preciosos inclusive do ponto de vista econômico. Assim, na proporção em que conseguem interagir na vida das empresas e no conjunto do projeto, os pobres constituem um importante capital humano e social, além de um vivo laboratório para a cultura da partilha.

E se a Igreja primitiva considerava os pobres como um tesouro, também nós podemos afirmar que, no projeto Economia de Comunhão, eles são um tesouro, não apenas no sentido espiritual, mas, com maior propriedade, recordando o fim último da economia: a realização humana.

Gosto de lembrar um ditado africano que nos faz entrever, de um outro ângulo, um tema bem presente na reflexão da Economia de Comunhão; o tema da relação entre os bens não materiais e os bens econômicos: **«Uma palavra de amizade nos sacia mais do que o pão».**

(1) Lubich C., *L'esperienza "Economia di Comunione": dalla spiritualità dell'unità una proposta di agire economico*, in *Nuova Umanità* 126 (1999), p.615.

(2) Araujo V., *La cultura del dare*, in *Nuova Umanità* 125 (1999), p.499: "Il dono di sé è il primo dono che va fatto come dimensione dell'alterità compresa e vissuta".

(3) Lubich C., *Santi insieme*, Roma 1994, p. 102.



Caterina Mulatiero

e-mail: arauvera@lappiano.it

A notável evolução do Consórcio Roberto Tassano, de Sestri Levante (Itália)



A Cooperativa Tassano, fundada em 1989, por 26 sócios com um capital de quatro milhões de liras, em 1998 já havia se tornado um Consórcio de cooperativas que dava trabalho para 330 pessoas da região de Chiavari.

Atualmente o Consórcio conta com um quadro de 663 funcionários que trabalham em 12 cooperativas, nas Províncias de Gênova, La Spezia e Pisa. Administram 12 institutos para 470 pessoas em casas de repouso para idosos, casas para deficientes físicos e mentais além de dois centros residenciais com 520 lugares. Participam do Consórcio Tassano mais três cooperativas sociais: uma que se ocupa da inserção no mercado de trabalho, outra que administra uma gráfica e outra ainda que se dedica à construção civil.

Para entrarem no Consórcio, todas as cooperativas aderiram livremente à "Linhas para a gestão de uma Empresa da Economia de Comunhão", elaboradas em 1997 pelo Bureau Internacional de Economia e Trabalho (publicadas no número 6 deste Noticiário – N.d.R.).

Essas linhas foram colocadas no Estatuto do Consórcio no ato da sua constituição, como característica de seus objetivos.

Apesar do grande desenvolvimento, novos caminhos estão se abrindo, em colaboração com grupos religiosos e civis, nas Províncias de Gênova, La Spezia, Turim e Piacenza. Na Província de La Spezia, o Consórcio administra quatro operações sócio-sanitárias de um consórcio ainda maior, o "Campo do Bispo", do qual tornou-se sócio.

Uma característica peculiar é o número de ordens religiosas que procuram o Consórcio em busca de idéias para colocar em funcionamento suas estruturas ociosas. Descubrem pessoas disponíveis a colaborar, sem segundas intenções, apenas por partilharem a mesma visão da pessoa humana e apreciarem as finalidades das obras que nasceram de seus carismas. Desta forma, sentem-se animadas a pedir colaboração para a administração dessas obras que, sem tal ajuda, não seriam capazes de mantê-las atuantes.

Em Gênova, por exemplo, uma escola de uma ordem religiosa, situada numa determinada área da cidade, estava para fechar por falta de alunos, mas se tornará uma casa de repouso, que faltava na região, a qual a prefeitura tenciona transferir 90 pessoas de uma casa de uma casa de repouso municipal que será demolida.

Os lucros

Ao participar da Assembléia anual do Consórcio "Campo do Bispo", o Presidente do Consórcio Tassano, Giacomo Linaro, declarou que o Consórcio destina parte de seus lucros para a Economia de Comunhão. O diretor da Cáritas, que representava a maioria do "Consórcio Campo do Bispo", aderiu à idéia de destinar o mesmo percentual

dos lucros à EdC, com a condição de que parte deste valor seja destinado aos pobres da diocese.

Nesses últimos dois meses, realizaram-se as assembléias anuais para a aprovação do balanço de todas as cooperativas do Consórcio Tassano. Em cada uma delas, antes da votação que decidiria destinar parte dos lucros à EdC, foi lido um relatório preparado pela Secretaria Central de Economia de Comunhão, detalhando o uso das 52.000.000 de liras enviadas no ano passado pelo consórcio. Com este dinheiro foi possível providenciar alimentação, remédios e tratamentos médicos, favorecer os estudos de crianças e providenciar moradia para famílias necessitadas, nas mais variadas regiões do mundo, inclusive na Oceania. Além disso foi adquirido o equipamento necessário para uma pequena empresa da EdC da Nigéria, para que ela possa adquirir arroz em condições convenientes, beneficiá-lo e vendê-lo por um preço acessível, com vantagem para a inteira população, inclusive nos períodos em que o preço de mercado dispara.

Terminada a leitura, o presidente do Conselho Fiscal conhecido consultor e editor de Milão, encantado com a Economia de Comunhão, declarou-se comovido por saber que esses lucros chegam até as longínquas ilhas da Oceania, para continuar a produzir frutos de bem...

O total dos lucros destinados pelo Consórcio à Economia de Comunhão, em 2000, foi cerca de 30.000.000 de liras, menos do que no ano anterior, porque, além dos novos investimentos, abriram-se cinco atividades e decidiu-se conceder um merecido aumento para os associados cooperados.

Não se pode esquecer os lucros traduzidos em novos postos de trabalho e na formação de homens novos no âmbito da empresa, um modo concreto para pensar nos "últimos" mais próximos, nas pessoas que, por algum motivo, estão marginalizadas, mas que encontraram acolhida nesta comunidade produtiva, além de uma sincera valorização pela contribuição que cada uma delas pode dar.

A formação

Este aumento constante de "obras" e de "operários" exige um plano de formação para todos os trabalhadores de forma que, neste crescimento apressado, não se perca a riqueza dos valores que se deseja manter sempre presentes no contexto operacional. Dois sócios do Consórcio foram encarregados de se reunirem paulatinamente com todos os funcionários para analisarem profundamente os métodos e as escolhas da empresa. Até hoje, realizaram-se 18 reuniões, com a participação de 200 associados, melhorando consideravelmente a qualidade do relacionamento entre os funcionários.

Numa dessas reuniões, quando se falou da ação da providência na história do Consórcio, uma sócia disse a uma outra recém-admitida, muito desconfiada porque acabara de ter sido despedida do emprego anterior: «Esta cooperativa não conta histórias! Sete anos atrás, éramos cinco, agora somos 15! Aqui se cresce, não somos despedidas!...».

Nessas reuniões, freqüentemente individuais, são

As novidades do Consórcio Tassano



Maurizio Cantamessa

e-mail: csztassano@libero.it

Consórcio Tassano

percebidas as tensões cotidianas, toma-se conhecimento de problemas familiares e de dramas pessoais, muitos sofrimentos de “próximos” que podemos amar, num ambiente em que 80% dos associados declara-se ateu ou indiferente. Emerge, assim, o segredo de como construir, com todos, um autêntico diálogo de base: identificar em cada pessoa o rosto sempre novo do Homem das dores, Jesus abandonado, e amá-los n’Ele.

Atividades do Consórcio Tassano

Setor de serviço social

(Casas de repouso e Clínicas psiquiátricas)

- Casa de Repouso ARCO-ÍRIS (Castiglione Chiavarese – Gênova), 50 pessoas
- Pensionato Santa Clara (Gênova), 25 pessoas
- Casa de Repouso Via Galata (Gênova), 70 pessoas
- Casa do Peregrino + *self service*, com 360 leitos (Santuário della Guardia – Gênova)
- Comunidade Psiquiátrica “Le Ali” de Reppia (Chiavari), 20 pessoas
- Comunidade Psiquiátrica “Mons. Siro Silvestri” em Rocchetta Vara – 60 pessoas
- Instituto Sagrado Coração (Brugnato), 59 pessoas
- Instituto S. Carlo (Brogheto Vara), 47 lugares
- Comunidade “Allogio per Disabili” (Casa do Deficiente N.d.T.) – Carrodano – 20 lugares
- Centro Residencial Padre Semeria (Monterosso al Mare) subdividido do seguinte modo:
 - Casa para idosos, 20 lugares
 - Comunidade para idosos, 45 lugares
 - Centro residencial, 160 lugares
- Instituto “Vila Sorriso” (Pontedera – Pisa), 30 lugares
- Casa de Repouso “N. S. de Guadalupe” (S. Stefano d’Aveto – Gênova), 25 lugares

Setor industrial e de colocação profissional

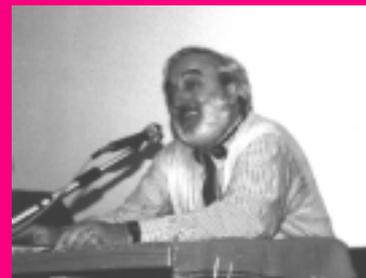
- Cooperativa social IL PELLICANO Laboratório para inserção profissional, trabalhos de montagem; atividade de segurança (sem porte de arma) para empresas e pessoas físicas;
- Cooperativa Social “IL GIGLIO”, inserção no mercado de trabalho, produção de roupas e equipamento de mergulho.
- Cooperativa social “EZIO SALA”, inserção profissional, logística de almoxarifado, montagem de material elétrico;
- Gráfica (Instituto Fassicomo da Ordem dos Pavonianos, de Gênova)
- Construção civil pública e privada

A “Rede para o trabalho”

Quando Chiara lançou a Economia de Comunhão no Brasil, tencionava suprir de imediato as necessidades dos pobres. Porém, ela pensava que, assim que fosse possível, lhes fosse dada a possibilidade de ter um emprego. Foi por este motivo que convidou todos os membros do Movimento a abrirem empresas que atuassem nas proximidades das Mariápolis permanentes.

A Economia de Comunhão revelando também um novo modo de viver a economia, focalizado nas pessoas, nas associações produtivas ou nas instituições, mas isto não reduz a importância de se oferecer um trabalho para quem não tem.

Esta exigência levou o Movimento Humanidade Nova a promover uma iniciativa: implantar uma Rede para o trabalho, que conta com representantes em muitas regiões italianas, graças às novas oportunidades oferecidas pela internet. Redes análogas foram criadas na Espanha e na Argentina. Alguns colaboradores dessas redes gostariam de fazer mais do que o simples contato entre quem oferece o emprego e quem o está procurando. Desejam abrir pequenas cooperativas e empresas no espírito da Economia de Comunhão, orientadas a obter resultados sob a forma de geração de novos postos de trabalho.



Pierangelo Tassano

e-mail: rtassano@libero.it



A Mundell & Associates é uma empresa de consultoria, projetos ambientais e ciências da terra. Trabalhamos com empresas privadas e públicas que enfrentam problemas de poluição dos terrenos e lençóis freáticos, procurando

soluções científicas para eliminar a poluição.

O nosso trabalho consiste em recolher amostras de terrenos e águas subterrâneas por meio de perfuração, e, pelas amostras colhidas, identificar o tipo e a quantidade dos produtos químicos poluidores e projetar, no local, como eliminá-los. Fazemos ainda projetos de recurso hídricos, isto é, localizamos lençóis de água potável e realizamos explorações geofísicas à procura de reservatórios soterrados e de outros riscos ambientais. Atuamos também como peritos legais em causas ligadas aos problemas ambientais.

Há alguns meses, um colega de uma outra firma soube que participávamos de um grupo de empresas que partilham os lucros com os pobres. Ele ficou impressionado e nos ofereceu “de bandeja” um projeto a ser elaborado para uma pequena cidade do Estado de Indiana, um pequeno trabalho orçado em 3.000 dólares. Pediu-nos que tratássemos diretamente com a prefeitura, mas, ao mesmo tempo, nos prometeu ajuda, pois conhecia bem as necessidades da cidade. Pela parte do projeto que ele faria, nos pediu 1.000 dólares, um preço muito baixo, mas que aceitamos, pensando que talvez ele quisesse demonstrar a sua estima pelas diversas vezes em que, no passado, o ajudamos em seus projetos cobrando o preço de custo.

Outro dia ele nos enviou um pacote com todo o projeto praticamente pronto. Coube a nós completar o trabalho verificando se correspondia aos nossos parâmetros de qualidade e de embasamento técnico. Acrescentamos

John Mundell

e-mail: JMundell@MundellAssociates.com



os documentos necessários e avisamos àquele engenheiro que poderia faturar a sua parte. Ele, porém, nos disse que, considerando as receitas já auferidas no ano, ele não precisaria desses 1.000 dólares. Pediu-nos, então, para dá-los àquela boa causa, à qual já destinamos os nossos lucros.

Após ter procurado inutilmente convencê-lo a aceitar o pagamento, desliguei o telefone e agradei a Deus. Logo me perguntei se também eu não poderia fazer o mesmo com a minha parte. Imediatamente decidi colocá-la em comum, sentindo a potência da Economia de Comunhão que um dia transformará o mundo: amor gera amor, os pães e os peixes se multiplicam, de modo que não haverá mais necessitados.

Nos Estados Unidos, há mais de um ano, sentimos a necessidade de criar um ponto de discussões entre os empresários da EdC (EOS Group Website), através do qual podemos trocar experiências e idéias sobre problemas específicos das nossas profissões.

Um dos assuntos em discussão dizia respeito ao nosso comportamento em relação ao financiamento de campanhas políticas. Na nossa democracia é muito considerado o dever que os cidadãos têm de financiar a política; no entanto, a situação torna-se delicada para as empresas que trabalham com concorrências públicas.

Tendo recebido solicitação de fundos por parte de dois partidos, consultei-me com outros empresários que enfrentavam a mesma dificuldade e resolvi enviar uma pequena contribuição para os dois. Anexei uma carta, na qual explicava que estava contribuindo com os dois partidos, como sinal da participação na vida política da nossa região, sem, contudo, esperar alguma consideração particular por quem fosse eleito, a não ser aquela ligada ao nosso profissionalismo.

Tempos mais tarde, a nova administração abriu uma concorrência e a comissão de avaliação técnica nos comunicou que recebemos a nota mais alta, entre as 23 empresas concorrentes. No final, porém, o município não nos contratou para nenhum dos cinco projetos. Ficamos muito perplexos. Perguntei-me se deveria ter contribuído com um valor maior, mas depois de ter pensado que não podia “vender a minha alma”, experimentei uma grande paz.

No dia seguinte, uma empresa privada nos contratou para um trabalho orçado em 200.000 dólares, o dobro do que receberíamos com aqueles contratos públicos que havíamos perdido: se tudo correr bem, nos próximos cinco anos poderemos ter um lucro bruto de 50.000 dólares. Fomos escolhidos pela alta qualidade do nosso trabalho e pelo relacionamento positivo que conseguimos instaurar com a administração pública, que deverá fiscalizar a descontaminação do solo.

Sei que não deveria duvidar: dei glória a Deus, sentindo-me quase submetido a um “teste sobrenatural”. Foi uma experiência que me lembrou, ainda uma vez – a milésima? – que, vivendo o Evangelho, inclusive diante de muitas realidades obscuras do mundo, sempre recebemos a luz para encontrar o caminho que nos leva ao outro.

As empresas, "coração" da globalização

Bureau Internacional da Economia e do Trabalho

Globalização e Mundo Unido
Grottaferrata, 4-6 de novembro de 2000

A globalização ultrapassa os confins da economia, mas, com certeza, dela se origina e recebe impulso. E o coração da economia é certamente a empresa.

Da Companhia das Índias, emblema do comércio internacional, à Microsoft, passando pela Coca-Cola, percebemos no tempo o papel fundamental das empresas no processo de globalização. Facilitadas pela tecnologia, um grande número de empresas, e não apenas grandes multinacionais, pode atualmente posicionar suas atividades produtivas e/ou distributivas em lugares diferentes, fazendo com que a própria atuação provoque um impacto global.

Os efeitos desse impacto têm, todavia, naturezas distintas. Neles encontram-se aspectos positivos, como a possibilidade de participação planetária de recursos. Por exemplo, vivendo na Itália, posso contratar um arquiteto brasileiro para projetar a minha casa. Não faltam, porém, os efeitos negativos, como a instabilidade financeira e o desrespeito ao meio ambiente.

Com certeza não se pode atribuir toda a responsabilidade dos efeitos da globalização apenas às empresas. Outros atores desempenham papéis importantes: as instituições, com a determinação de normas específicas; e os cidadãos, consumidores, com escolhas de consumo.

No entanto, é a empresa que dá o primeiro passo na utilização das reservas físicas, humanas e financeiras. Esta liberdade da empresa, para não cair no liberalismo, precisa ser contrabalançada com a liberdade de todos os participantes que têm alguma relação com a própria empresa: antes de tudo os funcionários, os clientes, os fornecedores e, ampliando os horizontes para fora dos seus portões, a comunidade local e nacional na qual ela está inserida. A atuação deste equilíbrio exigente, que leva em consideração o balanço econômico da empresa, é a função dos empresários e seus gerentes.

Adotar um comportamento que assume também os aspectos sociais e ambientais, pode se tornar fonte de custos sem que a empresa usufrua um benefício imediato, como pode ser o caso de um ciclo produtivo que respeite o meio ambiente. Numa situação deste tipo, os concorrentes que poluem o ambiente sem que sofram sanções, podem estar fazendo uma concorrência desleal em relação a uma empresa "ética".

Giampietro Parolin
Rita Vita Puangco

e-mail: giampietro.parolin@tin.it
vitapuangco@hotmail.com

Todavia, um comportamento ético pode representar para as empresas, além de um vínculo, um formidável propulsor de desenvolvimento que mobiliza a fantasia, as energias e as capacitações profissionais.

Um claro exemplo disso é o caso de uma empresa de cosméticos fortemente compromissada com a preservação do ambiente, a LA Body Shop International. Esta, modificando uma prática consolidada que estabeleceu realizar os testes dos produtos em animais, procurou, em parceria com fornecedores, testes alternativos. A reação positiva de seus clientes impulsionou alguns concorrentes a fazerem o mesmo.

Percorrendo este caminho, podemos levantar a hipótese de que também no campo econômico seja viável a aplicação da lógica do "primeiro passo" ou do "primeiro gesto". Se o comportamento ético é fonte de vantagens competitivas, é convenientemente econômico segui-lo.

Vejamos um exemplo. A escolha de produzir respeitando a dignidade dos empregados melhora o desempenho de cada um, bem como a reputação da empresa no mercado. Se a empresa é bem sucedida, o seu modo de atuar estabelece uma tendência.

Desencadeia-se, assim, um efeito imitação que envolve fornecedores e concorrentes. Dando um passo além, a empresa pode transformar este "estilo" num critério de seleção e avaliação dos próprios fornecedores. Uma multinacional do setor esportivo, depois de ter sido criticada sob tais aspectos, está exigindo dos seus fornecedores espalhados pelo mundo, modalidades produtivas que excluam formas de exploração, como o trabalho infantil.

Empresas que seguem esta linha podem, com transparência, comunicar seus compromissos e resultados sócio-ambientais aos clientes, levando-os a participar do estilo de condução da empresa.

Primeiro as entidades locais, e depois as de nível superior, não poderão deixar de sustentar esta prática empresarial uma vez que dela tomaram conhecimento. Instaura-se, desse modo, um mecanismo que se auto-alimenta. É conveniente frisar que, com o tempo, este estilo comprovado pelos resultados econômicos-financeiros positivos, alimenta o nascimento de "práticas sadias", linhas de orientação gerencial que demonstram a sustentação de modelos de gestão inovadores no campo sócio-ambiental. Se as empresas conseguem aplicar tais linhas de orientação sócio-ambientais em escala global, ativa-se um "efeito coração", como uma pedra no lago. Podemos definir assim o mecanismo difusivo acima descrito, que orienta o fenômeno da globalização para um caminho de maior respeito às exigências de todos.



Rita Vita Puangco

Giampietro Parolin

Bureau Internacional da Economia e do Trabalho

Globalização e Mundo Unido
Grottaferrata, 4-6 de novembro de 2000

A Solidar Capital é uma empresa de consultoria e de participações de capital fundada em 1997 por 20 empresários da região de Solingen, na Alemanha. O seu capital atual é de 600.000 DM, mas projeta-se seu aumento com novas adesões de empresários à Economia de Comunhão.

A participação acionária da Solidar Capital nas empresas das quais se torna parceira gira entre 25% e 49% dos respectivos capitais nominais. Além disso, a Solidar Capital dedica uma grande atenção ao desenvolvimento do conhecimento e das capacidades tecnológicas e empresariais das parceiras, inclusive por meio de transferências tecnológicas. Num mercado global isso é indispensável para se obter sucesso.

As primeiras sociedades de parcerias foram constituídas em dezembro de 1999, após uma série de contatos iniciados no ano anterior, em fevereiro de 1998, em viagem de dois responsáveis da Solidar Capital ao Sudeste Europeu e ao Oriente Médio.

MÉOUCHY S.r.l., Beirute, Líbano

Hanna Méouchy, de Beirute, que já era proprietário de uma papelaria e distribuidora de produtos escolares, em parceria com a Solidar Capital, abriu uma nova empresa do mesmo ramo, assumindo a representação de um grande produtor alemão de produtos escolares.

Além de fornecer um empréstimo de curto prazo, a Solidar Capital participa com 48% do capital; Hanna Meouchy, o administrador, detém 51% e outros sócios 1%.

A primeira papelaria, a "Papier Plus", foi inaugurada em 9 de dezembro de 2000, com a presença de representantes das Câmaras de Comércio Alemã e Libanesa. A "Papier Plus" irá vender também produtos de algumas importantes empresas alemãs, e será seguida por outras. Ainda em parceria com essas empresas, ela vai partir em busca dos mercados das nações do vizinho Oriente.

SOLIDAR INFORMATIX Ltda., Haifa, Israel

A participação da Solidar Capital na Solidar Informatix é de 48%, enquanto dois jovens de Haifa, que são os



Heinz Willi Schorn

e-mail: solidarcapital@t-online.de

administradores, possuem 51%, e 1% pertence a um jovem especialista da área financeira. Também neste caso, a Solidar Capital concedeu um empréstimo a curto prazo. Fadi e Sami, os sócios gerentes, já desenvolveram um CD-ROM em cinco línguas que, com um fundo musical apropriado, apresentam 200 fotos dos lugares por onde dois mil anos atrás passou Jesus. Em cada foto é possível acessar os textos bíblicos correspondentes e ainda ativar uma apresentação com imagens de vídeo do ocorrido. Para escolher um lugar a ser visitado, basta selecioná-lo num mapa da Palestina e ampliar, segundo o próprio interesse, setores ou regiões particulares.

O CD, produzido para o ano jubilar, além, de ser um ótimo guia para as visitas à Terra Santa, proporciona um excelente turismo virtual inclusive para quem não pode ir a Israel. Trata-se de um trabalho de qualidade, conquistado também graças à colaboração de técnicos alemães no campo da música e vídeo, bem como de um ex-diretor de uma grande empresa de informática.

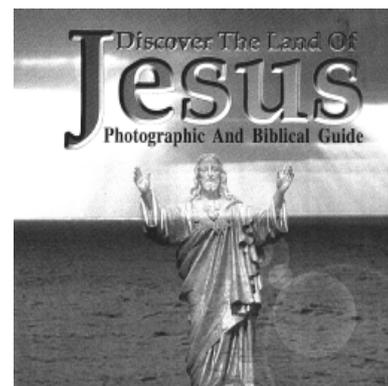
O CD foi apresentado na Feira do Livro de Frankfurt, com o fechamento de um acordo com uma gravadora de Stuttgart para produzi-lo. Infelizmente a dramática situação de Israel conteve as vendas, mas nesse ínterim a Solidar Informatix lançou outros softwares em parceria com o principal grupo de Internet do país.

e-mail: solidar@solidarinfo.com

Tel: 00972-4-8523533/fax: 00972-8-512892

Futuros projetos

- Na Croácia, encontra-se em fase de análise um projeto de colaboração com uma oficina mecânica local que estabelece o fornecimento de equipamentos modernos.
- Na Sérvia, nos arredores de Belgrado, está prevista a colaboração com uma fábrica de velas, com uma granja e com uma pequena indústria de óleo vegetal. Trata-se de empresas que precisam de equipamentos e métodos de produção modernos. Ainda não foi possível visitá-las por causa da situação política.
- No Egito, estamos em contato com um médico, que, junto com outros, deseja implantar uma policlínica. Por enquanto estão funcionando uma farmácia e um laboratório de análises clínicas, na cidade de Sohag. Estão em andamento as negociações com a Igreja Copta local, que colocaria à disposição o local necessário para a implantação da policlínica.



As novas teses

Giuseppe Prisco

Diploma em Teologia
Instituto Superior
de Ciências Religiosas
"Donnaregina"
de Nápoles

A EdC no Movimento dos Focolares

Orientador:
Prof. Luigi Castiello

Os critérios econômicos da maximização dos lucros individuais dificilmente podem ser reconduzidos aos princípios da ética. A EdC é uma proposta alternativa. A tese analisa o projeto do ponto de vista teórico, partindo da Bíblia, continuando com a tradição teológica dos séculos passados e os atuais ensinamentos da Igreja.

Conclui mostrando que o projeto da EdC é um testemunho vivo, porque se fundamenta na prática de uma comunhão de bens que não se limita a suprir as necessidades mais urgentes, mas orienta-se a construir um sistema econômico-social que respeita a liberdade, a iniciativa pessoal e principalmente os direitos e a dignidade de todas as pessoas.

e-mail: amaretutti@inwind.it

Alberto Morganti

Diploma Universitário
em Técnica Publicitária
Universidade
para Estrangeiros
de Perúgia

EdC na comunicação: uma forma possível de se administrar uma agência de publicidade

Orientador:
Doutora Giorgia Ballarani

Depois de ter aprofundado o projeto Economia de Comunhão, a monografia analisa o modo de trabalhar e de conceber a comunicação publicitária da agência Layout, de Milão – coligada ao projeto EdC – para demonstrar que não só é possível administrar uma agência publicitária conforme a EdC, mas é uma maneira de resolver os problemas sócio-culturais geralmente provocados pela comunicação.

Mediante uma entrevista ao titular da Layout e a análise de um projeto publicitário, foi possível identificar os princípios éticos aos quais a Economia de Comunhão se refere neste delicado campo. Emergiram, assim, dois aspectos característicos da adesão ao projeto: o estabelecer-se de relacionamentos de reciprocidade com os clientes e a atenção do profissional às características sócio-culturais da própria atividade; elas proporcionam uma comunicação que não força o leitor a uma aceitação passiva dos conteúdos, mas o impulsiona a uma reflexão e a uma análise crítica da mensagem.

e-mail: albertoap@tiscalinet.it

Elena Rizzolo

Diploma
em Economia e Comércio
Universidade
dos Estudos de Turim

Informação e comunicação de empresa no projeto EdC

Orientador:
Piercarlo Frigerio
(Economia Política)

Analisando o papel essencial da comunicação empresarial, a monografia examina a sua aplicação nas empresas da Economia de Comunhão mediante um questionário respondido por 40 empresários. A análise desses questionários demonstra que o projeto oferece fortes motivações positivas para os trabalhadores e para as empresas. A comunicação dentro das empresas é utilizada para dar notícias e contribuir para a aproximação das pessoas. O fato de que a Economia de Comunhão tenha condições de sobreviver e crescer, demonstra que é possível propor um modelo que não pare no indivíduo, mas que o enxergue em relação aos outros e ao tecido social. Este modelo abre caminho para novas possibilidades organizacionais no agir econômico e pode oferecer respostas a situações difíceis. Surgem conseqüências também no campo pedagógico: a educação não deve sujeitar-se às exigências econômicas e não deve perder de vista o homem na sua totalidade. Não apenas como indivíduo, mas também como parte da comunidade.

e-mail: elrizzo@tin.it

Pauline de F. Sebok

Diploma em Ciências
Econômicas
Universidade de São Paulo
(USP)

EdC: uma proposta inovadora de comportamento econômico

Orientador:
Prof. Dr. Juan
Hersztajn Moldau

A monografia contrapõe o comportamento tradicional das empresas com o comportamento na EdC, no qual as empresas buscam também o bem comum. Faz uma análise crítica do pressuposto de que o lucro deve ser o único objetivo empresarial e de que o interesse pessoal será o motor da ação econômica, criticando a tentativa de reduzir inclusive o altruísmo a uma forma de interesse pessoal. São introduzidos alguns conceitos de Sen e de Sudgen para representar modelos de comportamento empresarial que respeitem o bem comum. Essas reflexões são acompanhadas pelo estudo de algumas empresas da EdC, demonstrando de que forma um comportamento alternativo pode influir positivamente no desenvolvimento empresarial e no bem comum. (monografia em língua portuguesa)

e-mail: paulinesebok@hotmail.com



Alberto Morganti



Elena Rizzolo



Luigi Boldolfi

Fabrizia Caproli

Diploma em
Economia e Comércio
Universidade
dos Estudos de Ancona

EdC e novos modelos organizacionais. Duas realidades econômicas em paralelo

Orientador:
Prof. Maria Giovanna
Vicarelli
(Sociologia da organização)

O objetivo da tese é comparar uma empresa da EdC com uma empresa qualquer do mercado, focalizando em particular as relações que nascem da atuação econômica. As duas empresas escolhidas para a comparação foram a UNILAB Srl e a SIM Srl do campo da informática, que atuam em Roma e na Região de Marche. O estudo permitiu verificar o quanto, de fato, o projeto EdC penetrou nas estruturas da UNILAB, gerando uma cultura empresarial alternativa, seja em nível gerencial, seja em nível de empregados.

As entrevistas demonstraram o quanto as diferenças emergem com clareza. Nas empresas da EdC o homem é o fim, os lucros são o meio; na outra, ao invés, tudo está orientado ao lucro.



Fabrizia Caproli

e-mail: c.fabriz@libero.it

Maja Dufincova

Diploma em Economia e
Comércio
pela Universidade Eslovaca
de Agricultura, de Nitra.
Mestrado em Ciências
Econômicas

Uma nova abordagem dos problemas econômicos mundiais: o modelo da EdC

Orientador:
Prof. Eng. František Kuzma

A primeira fase da tese analisa os problemas econômicos mais atuais, chegando a identificar a pobreza como sendo o maior de todos eles. Com o objetivo de apresentar caminhos alternativos para a questão da pobreza, analisa o projeto da Economia de Comunhão, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista prático, através do estudo de duas empresas: o Consórcio Roberto Tassano e a primeira empresa da EdC da Eslováquia. Da análise dessas duas experiências, percebe-se que a "cultura da partilha", inerente à EdC, pode não só contribuir para a solução do problema da pobreza, mas tem condições de melhorar muitas outras situações econômicas e sociais: a "cultura da partilha" é a solução para a humanidade do século XXI.

(tese em língua eslovaca)



Maja Dufincova

e-mail: maja_dufi@yahoo.com

Luigi Bondolfi

Diploma em Engenharia
Comercial
Universidade de St. Gallen
(Suíça)

«EdC – na liberdade»: avaliação do ponto de vista ético e econômico-empresarial

Orientador:
Prof. Dr. Erwin Staehelin

Após uma atenta análise teórica dos princípios éticos inerentes à Economia de Comunhão, a análise das experiências de três empresas que atuam no Norte da Itália procura verificar se uma empresa da EdC pode ter êxito, e porquê alcança este êxito; e se as empresas da EdC agem de modo eticamente correto. O modelo de EdC coloca em discussão o mundo econômico moderno, mas ao mesmo tempo lança as bases para uma transformação radical, executada de maneira concreta, convincente e apaixonante pelas muitas empresas que aderem ao projeto. Tão logo o projeto venha a sair da fase inicial, cada empresa se tornará um espelho do projeto inteiro, graças à interação e à troca de experiências e de conhecimentos entre seus participantes. A aventura da EdC ainda está no início, mas as empresas tomaram um caminho que, com certeza, as levará a mudar o modo de pensar e de agir economicamente.

(tese em alemão)

e-mail: bondolfi@mails.ch

Giovanny Rivadeneira

Diploma em Engenharia
Comercial
Pontifícia Universidade
Católica do Equador

Perspectivas sociais das empresas equatorianas: a EdC rumo a uma concepção de empresa orientada a uma "Cultura da partilha"

Orientador:
Prof. Miguel Maldonado

Um dos problemas mais urgentes do Equador é a disparidade na distribuição da renda. A primeira contribuição do projeto EdC é, pois, considerar também os setores economicamente marginalizados como parte essencial da sociedade, e criar, entre os membros da empresa, uma consciência social mais ampla.

Isto repercute positivamente nas empresas – como a motivação dos funcionários e a confiança que se estabelece com os clientes e fornecedores – um verdadeiro "capital intangível", uma força que as torna lucrativas e duradouras.

Tanto os estudos teóricos quanto a comparação empírica levam a propor o projeto EdC como um modelo para contrastar as tendências à iniquidade e à concentração da riqueza, e para realizar uma verdadeira promoção humana.

(textos em espanhol)

e-mail: frivadeneira@uio.satnet.net

Ponto de referência mundial
para as teses:

Antonella Ferrucci

A/C Prometheus S/A
Piazza Borgo Pila, 40
16129 – Gênova – Itália
Fone: (+39)010/542011 – 5459820
fax: (+39) 010/581451
prometheus@interbusiness.it

Um novo agir econômico para o Leste Europeu

Movimento econômico e sociedade civil

Na conclusão do Congresso do Bureau Internacional de Economia e Trabalho, realizado na Mariápolis Ginetta (antiga Araceli), em junho de 1999, foi formulado um documento: "Por uma ação Econômica de Comunhão". Este documento apresenta a proposta de uma nova maneira de se enfrentar os aspectos econômicos da vida em nível de opções individuais, em nível de organizações produtivas e na estruturação das instituições, com o objetivo de difundir uma "cultura" que, conclui o documento, «poderá inspirar uma ação de natureza econômica que satisfaça os anseios de justiça, de participação, de paz, de harmonia com a natureza, de felicidade e beleza de todos os homens e mulheres do século XXI».

Enriquecido com a contribuição dada em vários simpósios que se realizaram na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, o documento foi apresentado ao Leste Europeu, que recentemente havia vivenciado o fracasso da economia marxista e está experimentando as contradições do capitalismo selvagem (este assunto foi tratado na página 12 do nº11 desta revista – N.d.R.).

Em 19 de março de 2000, a EdC e o Movimento Econômico foram apresentados na República Checa, em Brno, num congresso em que muitas pessoas desta República e da Eslováquia tiveram o primeiro contato com o projeto. Alberto Ferrucci, vários empresários da região e os empresários belgas, Closterman, ilustraram o projeto. Luigino Bruni apresentou reflexões sobre a história do pensamento econômico, suscitadas pelo carisma da unidade e pelas experiências das empresas.

O interesse atingiu o máximo quando a Dra. Helena Vesela, responsável de Humanidade Nova na República Checa, numa atmosfera de solene, submeteu à assembléia o documento "Por uma ação Econômica de Comunhão". O diálogo estava aberto. Após instantes de silêncio, muito significativo, um técnico em informática, que não possui uma fé religiosa e pela primeira vez participava de um congresso EdC, se levantou e disse que assinava o documento «assim como ele é», porque «é o documento mais lindo de todos os que já li».

Em 18 de maio de 2000, no auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Zagreb, realizou-se o simpósio sobre "Uma nova dimensão da economia", promovido pelo Presidente da República e pelo Arcebispo de Zagreb. Participaram personalidades políticas, professores universitários, outros professores, estudantes e agentes econômicos

Ivan Bregant

e-mail: czm.seel@kc.tel.hr

além de mais de 50 empresários croatas, húngaros, eslovenos, bósnios, sérvios, macedônios e romenos. Foi a primeira vez que, nesta Universidade onde se ensinava apenas a doutrina marxista, acolhia-se um simpósio que lançava a idéia de uma economia baseada em princípios cristãos.

Após as palestras de Benedetto Gui e Alberto Ferrucci, que foram acompanhadas com profunda atenção e aplaudidas com entusiasmo, deu-se início a um diálogo vivo e participado. Foi impressionante ver ideólogos do antigo regime e teólogos católicos aceitarem, unânimes, a nova visão da economia desejada por todos, mas jamais realizada.

Zdravko Dujmovi, advogado de Zagreb, pesquisador de economia política e ex-ideólogo marxista, disse: «organizando este debate, num lugar como este, deu-se um importante passo que deixará uma marca profunda, porque levará a unir a experiência da teoria econômica marxista e a Doutrina Social da Igreja... Aqui percebo que a minha ideologia não desmoronou, porque na Economia de Comunhão encontro a sua evolução...».

Um professor de Doutrina social da Igreja, afirmou: «Os teólogos podem dar apenas indicações teóricas, mas as pessoas esperam soluções concretas; na Economia de Comunhão está presente a Doutrina Social da Igreja em ação».

O ponto alto do congresso foi a apresentação do documento “Por uma ação Econômica” seguida por um vivo e participado diálogo, que ofereceu aprovações e sugestões.

Faruk Redepagi, muçulmano, ex-ministro da economia e desenvolvimento da Croácia, entusiasmado com o documento, pediu que fosse ressaltado ainda mais o relacionamento entre as culturas, etnias e convicções diferentes, a fim de que seja transformado numa mensagem para todos os homens. Ele acrescentou: «Temos que preparar os anais deste simpósio e apresentá-lo ao parlamento... Talvez vocês não percebam o profundo significado que ele tem para a Croácia, neste momento...».

O Professor Jozi, responsável pelo Fundo Ministerial da Privatização, disse: «Aprovo plenamente o documento e o considero muito importante para o trabalho que faço... Gostaria que fosse frisada com maior força a necessidade da transformação do homem na sua dimensão espiritual, cultural e social, porque somente assim poderemos alcançar uma economia sadia».

«A Economia de Comunhão, que conta com Deus – disse o professor Lauc, da cadeira de economia na Universidade de Osijek – este “acionista escondido”, poderia encontrar a sua completa realização exatamente na Croácia, cujo povo sobreviveu ao comunismo e depois a uma guerra justamente pela sua fé em Deus. Portanto, reúnam todos os economistas que querem trabalhar pelo bem do homem, eu também quero colaborar...».

Um diretor de banco, disse: «Não posso acreditar que, nesta Universidade, na qual há alguns anos concluí meus estudos, eu ouviria falar desta dimensão econômica que sacia a alma».

E um empresário: «Eu pensava que conhecia a EdC, mas tinha parado no aspecto externo. Hoje descobri toda a grandeza e riqueza deste projeto divino».

A edição da tarde do jornal “Vernji list”, publicou o primeiro artigo sobre o evento, com o título: “Economia da partilha, não da posse”. Este artigo frisava que a EdC se fundamenta no Evangelho e na realização concreta da Doutrina Social da Igreja.



Movimento Econômico

Publicamos informes de alguns dos numerosos eventos que se realizaram no último ano, no âmbito da Economia de Comunhão e do Movimento econômico, embora sejam apenas uma parte de todos os acontecimentos que se multiplicaram pelo mundo inteiro.

Congressos e apresentações

No dia 31 de março de 2000 foi apresentado ao centro de Estudos da Universidade Católica do Sagrado Coração, de Taranto (Itália) o último livro sobre EdC, com a participação de empresários da EdC e com a palestra do Prof. Gianfranco Dioguardi, que disse: «Como pensador iluminista, defino a EdC como uma utopia necessária, um modelo de referência: concordo plenamente que a pessoa humana se realiza no momento em que se doa».

Em 7 de abril de 2000, o livro EdC foi apresentado na Câmara de Comércio de Matera, com a presença de autoridades civis e um encontro organizado por empresários que não participam do projeto EdC.

Em 6 de junho de 2000 uma representação de quatro senadores e cinco deputados da Comissão Parlamentar Mista para o Combate e a Erradicação da Pobreza do Senado e da Câmara Brasileira, visitou a Mariápolis Ginetta e o Pólo Spartaco para conhecer de perto a EdC. Uma equipe da TV Senado transmitiu o evento em rede nacional.

Em 17 de junho Vera Araújo e empresários das Filipinas e de Hong Kong apresentaram a EdC a 60 professores da Universidade Católica de Fu Jen, em Taipé. Nasceu um autêntico interesse acadêmico que levará professores chineses a futuras participações em congressos internacionais de professores interessados na EdC.

Em 25 e 26 de junho a EdC foi apresentada à Expô Internacional 2000 de Hannover, no âmbito do «Fórum para a Construção da Paz para a Humanidade do Século XXI». O evento foi promovido pelo movimento budista liderado pelo monge reverendo N. Takeuchi, que a apresentou como caminho do diálogo e da integração entre religiões e culturas.

Em 27 e 28 de junho realizaram-se dois congressos sobre a EdC na Universidade Santo Tomás, de Manila, um dos quais foi reservado a 200 estudantes, com uma grande repercussão, inclusive nos meios de comunicação.

Em 7 de julho aconteceu um congresso semelhante na Universidade Assunção, de Bangcoc, na Tailândia, com a presença de várias autoridades e a participação de Vera Araújo e Tita Puangco.

De 14 a 18 de julho, em Puebla (México), realizou-se o 4º Simpósio Internacional sobre o Pensamento Social Católico, com participantes de 25 países, entre os quais, reitores de 50 Universidades Católicas. O Organizador do congresso, Prof. Michael Naughton, na exposição final, frisou com veemência a EdC apresentada por Hans Burkard: «...Um fascinante programa: para erradicar a pobreza e para gerar riquezas e estruturas para uma justa distribuição das rendas, é necessário aplicar ao processo criativo um espírito de comunhão».

De 19 a 23 de julho, aconteceu em São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas, o «Congresso Mundial sobre a Ética na Economia», com 400 participantes. Ercília T. Fiorelli apresentou a EdC e contou a sua experiência. Impressionou o Prof. Edwin M. Epstein, decano da Business School da Califórnia; Peter Nadas, Presidente da Fundação Fides e Pe. Domenec Melé, da Opus Dei, que deseja inserir a EdC e a experiência da Metalúrgica Femaq, de Piracicaba, no programa da sua Business Scholl de Barcelona.

Em 5 e 6 de agosto, Márcia Baraúna apresentou a EdC na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo.

Em 5 de agosto, o coordenador do SEBRAE de São Paulo, Márcio Landes Claussen, visitou o Pólo Spartaco com mais 40 empresários, tendo sido conquistado pela EdC e pela figura de Chiara Lubich.

Em 28 de agosto a EdC foi apresentada em Nova York, nas Nações Unidas (ler na página 23 – N.d.R.).

Em 19 de novembro, na Universidade de Évora (Portugal), Vera Araújo apresentou a «EdC como Modelo Social»; e Luigino Bruni falou sobre a EdC como «Teoria e prática Econômica» num Seminário de estudo sobre o desenvolvimento da Economia da Fundação “E. de Almeida”.

Realizaram-se muitos outros congressos, mas não dispomos de espaço suficiente para publicá-los. O último realizou-se em Brécia (Itália), na Universidade Católica do Sagrado Coração, com a participação de 200 pessoas; falaram Stefano Zamagni, Luigino Bruni e os empresários Bertagna.



Ercília Teixeira Fiorelli



Vera Araújo

New Humanity é a Ong com "Status Consultivo Categoria II" que representa o Movimento dos Foculares junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. Em virtude das obras sociais originadas da espiritualidade do Movimento – a espiritualidade da unidade – ela foi encarregada pelo Departamento da Informação Pública para as Ongs reconhecidas pela ONU, de organizar um *workshop* no âmbito da «Conferência Anual sobre a Globalização», que se realizou em 28 de agosto de 2000, em Nova York.



Joseph Klock

e-mail: jklock@worldnet.att.net

Falaram no workshop representantes de *New Humanity* dos Estados Unidos, que apresentaram a Economia de Comunhão, junto com empresários americanos que participam do projeto. Falou também o pesquisador Leo Andringa, que expôs o problema da especulação financeira, propondo a cobrança de um imposto sobre movimentos internacionais de capitais, uma "Taxa Tobin para os pobres", orientada a diminuir o peso da dívida internacional dos países em via de desenvolvimento.

Para demonstrar a aplicação dos princípios ilustrados por Leo Andringa, o Senador Ivo Tarolli, de Trento (Itália), apresentou o seu projeto de lei nº4704, intitulado "Medidas em favor da redução da dívida externa de países em via de desenvolvimento", que atualmente está sendo avaliada pela Comissão das relações exteriores do Senado. Pelo modo inovador com o qual o seu projeto trata do tema da cooperação internacional, foi muito bem recebido pela maioria de governo e pelo Ministro das Relações Exteriores, tanto que chegou a influenciar a posição do Governo Italiano no G8 de Okinawa.

A idéia do Senador é constituir junto às nações em desenvolvimento, inclusive os grandes países da América Latina, Fundos específicos para os quais sejam orientados recursos financeiros destinados à construção de escolas, hospitais e casas para a população mais carente, ou para garantir às camadas menos favorecidas um micro-crédito que possibilite a implantação de pequenas atividades econômicas, fundamentais nesses países. A novidade é que apenas Organizações não-governamentais dos países em desenvolvimento, em parceria com Ongs italianas que desejarem atuar com recursos próprios nesses países e setores, poderão dispor dos meios oferecidos pelo Fundo.

Os recursos colocados à disposição pelas organizações locais podem ser constituídos somente por horas de trabalho voluntário, enquanto para as Ongs italianas, eles devem compreender também financiamentos em moeda ou equipamentos. Em cada país, tais Fundos seriam administrados por um comitê formado por duas pessoas do governo local, duas do governo italiano e uma das Nações Unidas. No entanto, essas pessoas deveriam ser escolhidas entre aquelas indicadas pelas Ongs locais, italianas ou credenciadas na ONU e que atuam nos setores interessados.

Esses Fundos seriam financiados pelo Governo Italiano que ademais cancelaria parte da dívida pregressa do país, ou renunciaria a parte dos juros, com a condição de que o Governo do país favorecido destine ao Fundo uma parte considerável deste valor, em moeda local.

Para conseguir as reservas necessárias a fim de cancelar a dívida ou reduzir os juros, no já mencionado projeto de lei, existe uma proposta de estudo, ao menos em nível europeu: a aplicação de um imposto de 0,05% sobre todos os movimentos de capital internacionais, atualmente isentos. É uma taxa mínima, que se aproxima dos custos bancários das operações.

Por causa do grande aumento das transações financeiras do mundo atual, este imposto permitiria arrecadar consideráveis recursos. Se fosse aplicado no mundo inteiro, teríamos uma arrecadação superior à metade de todos os juros devidos pela dívida externa dos países em via de desenvolvimento, que hoje superam a casa dos 250 bilhões de dólares.

Novos caminhos para a cooperação entre os povos

Da esquerda para a direita:
Ivo Tarolli, John Langmore,
Leo Andringa e Joe Klock



O projeto de lei prevê também que a sociedade e os cidadãos italianos que desejarem utilizar recursos próprios para contribuir com essas iniciativas de desenvolvimento financiadas pelo Fundo, tenham isenção fiscal, sem limite máximo, sobre dois terços do valor doado.

Além de garantir que os fundos para a cooperação realmente sejam utilizados para fins sociais, se poderia, desse modo, favorecer o crescimento dos segmentos intermediários da sociedade civil que organizam a solidariedade, contribuindo com a afirmação da sociedade civil do país, um resultado ainda mais importante do que as obras sociais realizadas. De fato, é da sociedade civil que se origina a consciência democrática, inclusive em países governados pelo populismo e pelo clientelismo, necessária para a consolidação, de governos democráticos que respeitem a atividade dos cidadãos orientadas ao bem comum, na ótica da subsidiariedade.

Guido Bertucci, diretor ONU da Divisão Administração Pública e Gestão do Desenvolvimento, e John Langmore, Diretor ONU da Divisão Políticas Sociais para o Desenvolvimento, declararam-se muito interessados nas propostas de New Humanity. Eles a convidaram a promover, com o patrocínio da ONU, um Congresso Internacional sobre o tema da Globalização e Solidariedade, durante o qual recolheriam sugestões das principais Ongs que operam no setor, em vista da próxima reunião do G8 em Gênova.

Cooperação internacional: ajuda, investimento ou parceria?

É incontestável a diminuição da ajuda dos governos dos países industrializados à cooperação internacional.

Entre 1995 e 1997 diminuiu mais de 12 bilhões de dólares a ajuda direta dos países DAC – países de desenvolvimento avançado que compreendem tanto aqueles do G7 quanto uma série de países industrializados –, seja como doação, seja na forma de crédito com juros subsidiados.

Marco Aquini

e-mail: mondounito@web.microelettra.it



A diminuição mais sensível, na casa dos 8 bilhões de dólares, verificou-se no âmbito das ajudas bilaterais: aquela entre governos, historicamente destinada aos países mais pobres.

Nesse mesmo período, verificou-se um intenso fluxo de capitais privados: cerca de 100 bilhões de dólares foram utilizados para o financiamento de infra-estruturas dos países em via de desenvolvimento, enquanto cerca de 21 bilhões foram parar nos paraísos fiscais “offshore” do terceiro mundo, sem gerar desenvolvimento. Em 1990, o capital privado constituía um terço do fluxo total, enquanto em 1997 ele chegava a constituir quase 80%: a corrente de dinheiro rumo aos países em desenvolvimento passava dos 130 bilhões de dólares em 1990, um terço dos quais era capital privado, para 365 bilhões em 1996. Depois, com a crise asiática de 1997, caiu para 324 bilhões, dos quais 78% era capital privado.

Fluxo de capital que, segundo o relatório DAC «...permanece concentrado em poucos países» de nível médio: na Ásia, principalmente na China, Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia; na América Latina, na Argentina, no Brasil, no Chile, na Colômbia, no México, no Peru e na Venezuela.

Dentro desses recursos privados há uma parcela constante de aproximadamente cinco bilhões de dólares, arrecadada por Organizações não-governamentais, para fins de solidariedade; parcela que sofreu uma redução em 1997.

O quadro acima descrito apresenta vários aspectos. Explica-se a diminuição do fluxo de capital público com o problema de balanço das contas públicas dos maiores países industrializados, que devem atingir os parâmetros fixados por Maastricht aos países da União Européia. Tais cortes de gastos na esfera social, incluem a cooperação com o desenvolvimento, pois passou a ser considerada uma espécie de despesa social externa. É igualmente compreensível o aumento no fluxo de capitais privados, que testemunha a existência de recursos financeiros consistentes, em nível mundial, que o mercado direciona aos países de maior credibilidade ou para onde o investimento oferece rendimento melhor.

Este processo acaba por criar áreas favorecidas entre os países em via de desenvolvimento, especialmente na Ásia e na América Latina, onde se concentram os investimentos. E paralelamente, deixa áreas abandonadas, particularmente na África sub-sahariana.

Os fenômenos migratórios provocados pela extrema pobreza dessas regiões, que hoje preocupam os países industrializados, deveriam convencê-los a enfrentar pela raiz os problemas que causam esta extrema pobreza: a dívida externa, o aumento da especulação financeira, a iniquidade dos relacionamentos comerciais.

São temas fundamentais que reafirmam o direito-dever que os cidadãos de todas as nações têm de manifestar o próprio pensamento a quem possui responsabilidades políticas nacionais e internacionais.

Nessa perspectiva, embora considerando a hipótese otimista de que é possível frear a redução das ajudas públicas – não está certamente a vista um aumento desses recursos – e que a arrecadação de recursos por parte das organizações não-governamentais possa manter-se nos níveis atuais, será que devemos nos conformar apenas com o movimento de capitais privados que procuram investir orientados ao benefício próprio, ou mesmo que não busquem investimentos produtivos, mas só especulativos?

Será que não se poderia favorecer o crescimento de espaço para as empresas, cooperativas, atividades artesanais, iniciativas de micro-crédito que aceitem as regras de mercado, mas que as apliquem de maneira justa, mesmo garantindo o lucro para si e para o parceiro dos países em via de desenvolvimento, como acontece na EdC ou em experiências semelhantes?

As políticas e a legislação dos países industrializados deveriam, a meu ver, considerar dois aspectos. O primeiro: reconhecer a característica peculiar das experiências acima citadas, que não é própria nem para uma empresa normal que deseja, por exemplo, instalar uma filial num país pobre, nem para uma Ong que atua exclusivamente numa dimensão de solidariedade e gratuidade.

O reconhecimento desta característica peculiar deveria conduzir a um segundo aspecto: a instituição de um tratamento fiscal diferenciado, quando um desses sujeitos decidir gerar desenvolvimento e trabalho num país pobre, ou apenas para sustentar financeiramente empresas locais que atuam impulsionadas por motivações deste tipo.

Não se trata, de fato, de ser protagonistas de ações financiadas com fundos públicos, mas que seja reconhecida a função social desses atores, simplesmente pelo fato de serem responsáveis pelos riscos que assumem.

Na hipótese que essas considerações se tornassem reais, é claro que tais recursos não seriam suficientes para compensar a redução das ajudas acima mencionadas. Não existe dúvida, porém, de que seria um grãozinho a mais, importante do ponto de vista qualitativo, um sinal de esperança e de oportunidades concretas num quadro internacional tão preocupante.

Diálogo com os leitores

Que tipo de empresa?

Não nos parece importante o tipo de empresa, pois na EdC muitas iniciativas no setor do serviço social atuam na forma de cooperativa, sensíveis não apenas à solidariedade entre os sócios, mas também abertas ao mundo. Nas suas assembléias, elas deliberam distribuir parte dos lucros para as finalidades da EdC.

Alberto Ferrucci

e-mail: edc@prometh.it
telefax: 010/581451

Sou uma professora de assuntos econômicos e empresariais de um instituto profissionalizante do Estado. Sinto-me pessoalmente atraída pela Economia de Comunhão, por isso pensei em propor o estudo deste assunto a uma das minhas turmas.

O objetivo do trabalho que pretendo desenvolver é demonstrar que é possível promover, no setor do serviço social, uma atividade que, por linha de atuação, se torne uma alternativa às cooperativas que, me parece, imperam no setor. Portanto, preciso de material teórico para conduzir o tema sobre a Economia de Comunhão e, se possível, gostaria de ter a indicação de uma pessoa que possa me dar uma orientação...

Professora Rita Giacotti (Frascati – Itália)

Em relação a como documentar-se sobre a EdC, atualmente estão disponíveis os seguintes livros e revistas:

- “Economia de Comunhão – Uma cultura Nuova”
Noticiário semestral disponível nos Centros de difusão do Movimento dos Focolares
- “Economia de Comunhão – Projetos, reflexões e propostas para uma cultura da partilha”; Rui Costa, Vera Araújo, Adam Biela, Tommaso Sorgi, Benedetto Gui e Alberto Ferrucci – Editora Cidade Nova, 1998
- “Anais do Bureau Internacional da Economia e Trabalho”, Editora Cidade Nova, 1999
- “Cidade Nova” Revista mensal, Editora Cidade Nova
Rua José Ernesto Tozzi, 198 – Mariápolis Ginetta – 06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP – Telefax: (11) 4158-2252
- “Per una cultura economica a più dimensioni – Economia di Comunione”
Luigino Bruni (ed)
Editrice Città Nuova £18.000
“L’Economia di comunione – Verso a un agire economico a misura della persona”
Vito Moramarco e Luigino Bruni (ed)
Editrice Vita e Pensiero £24.000
- “Nuova Umanità” n° 126, novembro-dezembro 1999, inteiramente dedicada a EdC
- Pode-se também consultar os seguintes sites internet:
<http://www.focolare.org>
que tem uma página dedicada à Economia de Comunhão
- <http://www.quasarbbs.com/ftp/tesi2.html>
que contém as monografias e teses de doutorado sobre o tema da EdC e também o último número de “Economia di Comunione – Una cultura nuova”
- Pode-se ainda encontrar muitas outras informações sobre a Economia de Comunhão na rede web e nos centros de difusão do Movimento dos Focolares.